

FRAGMENTOS DO ACASO

nelson d!paula & florianó martins





A dark, abstract background featuring several large, organic, petal-like or leaf-like shapes. These shapes are rendered in a high-contrast, monochromatic style, creating a sense of depth and texture through their overlapping and varying shades of gray. The overall composition is organic and fluid, resembling a close-up view of a plant's structure.

Poesía y plástica



A black and white abstract collage. At the top, a woman's face is partially visible, looking down. Below it is a landscape scene with a road or path. A hand reaches out from the left side. The bottom half consists of large, dark, organic shapes that resemble puzzle pieces or abstract art.

Colección Libros Imposibles

Fragments do acaso

Nelson D!Paula

&

Floriano Martins

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2025-

D!Paula, Nelson, (1950).

Fragmentos do acaso / Nelson D!Paula & Floriano Martins--1^a ed.--

Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2025.

100p. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles ; 61 >

<Digital>

1. Poesía y plástica brasileña. 2. Literatura brasileña I. Título.

Primera edición, 2025

Colección Libros Imposibles #60

© *Fragmentos do acaso*

© Nelson D!Paula & Floriano Martins

Diseño editorial:

Melvyn Aguilar

Portada & ensayo fotográfico:

Floriano Martins

Coordinación editorial:

Juana M. Ramos

Corrección filológica:

Los autores



ENTRE **TMAS** Nueva York

DIÁLOGO ENTRE DOIS SURREALISTAS

NP | Apesar de várias iniciativas dos surrealistas brasileiros, parece que nunca houve um eco na comunidade. Aliás, mesmo no meio dito artístico, não há um grande entusiasmo. Por que será?

FM | Acho curioso que dêis início a esta nossa conversa justamente com este tema. Talvez devamos seguir a sugestão de Jorge de Lima, de ler *além do que existe na impressão*, e também *do que está aquém da expressão*. O Brasil é um país que foi acumulando uma sorte malsinada de prejuízos, que foi perdendo suas raízes inexploradas, ou seja, a perda antes da consciência. O gozo artístico foi sendo deformado por uma ironia disfarçada, uma inveja do outro, uma submissão aos truques acadêmicos e de mercado. Raramente encontramos a presença daquele duende de que tanto falava García Lorca. Como o indivíduo jamais saiu de seu cercado patológico, em busca de um mundo fora de si mesmo, por consequência não conseguimos fundar um estado mágico de interesses mútuos. A ausência de uma mínima compreensão dos frutos essenciais decorrentes de uma sociedade organizada nos tornou sempre um alvo fácil a toda espécie de manipulação. A despeito dessas manobras todas, encontramos grande entusiasmo em poetas como Murilo Mendes, Zuca Sardan ou Roberto Piva, independente da presença surrealista em suas obras. Nota-se que a exceção, entre nós, tem suas regras singulares. Não tens esta mesma impressão?

NP | Concordo plenamente que este muro foi construído no nível da consciência, materializado através do bloqueio do inconsciente. Porém, o povo brasileiro precisa e fabrica sonhos, dos mais diversos. Há embutida uma forte libido,

oriunda, talvez, das miscigenações com as matrizes africanas e indígenas. Acho que é o que faz brotar espíritos indômitos incendiando as velhas prateleiras emboloradas da falsa cultura, que prefere privilegiar as traças e os fungos. A fúria do tacape e o rufar dos tambores uma hora vão derrubar o castelo roxo, onde se esconde a máquina do monopólio acadêmico e de mercado. Talvez seja só mais um delírio. Há muitos anos atrás quase fui convencido a não acreditar. Mas acontecimentos misteriosos aguçaram a minha fome de eternidade. Coisas de lagarta, intuindo que pode se metamorfosear na libélula. Convivi sempre com uma ressalva enorme quanto ao material *colado*. Muitos me disseram que não era arte. Por mais que tentasse explicar que não se tratava de *cola*, no máximo era considerado material ilustrativo ou *arte menor*. O conceito de *collage* não convencia. Por isso, escrevi um livro, *Collage: Um Testemunho Fenomenológico*. O que você acha do conceito de *collage*?

FM | Não é propriamente equivocado o conceito de *collér*, cola ou fusão. Quando tratado por fusão é que necessita explicar que teria que avançar para um ambiente tridimensional. Ou que deixa de ser colagem quando utilizamos a técnica da sobreposição de imagens ou de distorção das mesmas. Não sei se a tua implicação tem a ver com a utilização do termo em francês por alguns artistas de países de língua portuguesa. Trata-se então de um preciosismo que não merece maior atenção. Quando se utiliza tesoura e cola há dois modos de tratar a nova imagem: a aproximação de fragmentos díspares entre si, com a intenção de provocar um choque, ou o corte detalhado que cria, mais do que simples sugestão ou impacto, uma nova imagem, objeto ou mesmo narrativa. Evidente que a razão de ser da colagem é buscar um novo significado para o encontro de dois ou mais objetos. As primeiras colagens que eu fiz eu utilizada o recurso original, de acordo com Max Ernst, de utilizar minuciosamente as tesouras (de vários tamanhos) criando um entrosamento de detalhes que aos poucos iam estabelecendo um resultado distinto, original. Com o tempo me desgradei de utilizar material alheio e passei a fotografar os componentes que posteriormente eu recortaria em busca

de um significado outro. Quando descubro as técnicas de filtros e sobreposição do Photoshop passo a recorrer a elas em substituição à tesoura. O passo seguinte foi imprimir essa nova imagem e utilizar nanquim ou bico de pena para destacar certas passagens, digitalizando-as em seguida e aplicando mais alguns filtros. O que fazes, por exemplo, é tão distinto das técnicas que uso que confesso por vezes ter vontade de seguir teus passos. E se pensarmos em artistas como Ludwig Zeller ou Jan Svankmajer, tão distintos entre si e que geraram um número infinito de seguidores, alguns talentosos, que souberam ir além, porém em grande maioria um séquito de diluidores. Como em toda arte, a singularidade, a voz própria, será sempre o grande desafio. O surrealismo trouxe consigo um excesso de dogmatismo, seja por oportunismo ou por falta de compreensão do real significado da criação artística, de tal modo que às vezes quando rompemos com esses deslizes para muitos parece que estamos rompendo com o Surrealismo.

NP | Curiosamente, já comentaram algumas vezes que estou me distanciando do Surrealismo. Nos últimos anos adotei totalmente o meio digital, em função do acesso mais direto ao mundo dos sonhos. Comecei minha trajetória há muito tempo atrás, usando ecoline e bico de pena. Aos poucos a coisa gosta de *roubar* recortes e trabalhar sobre eles, como que tatuando. O ecoline fazia subir o verso do recorte e eu destacava com o nanquim. Fiquei fascinado com o poder da justaposição não de imagens, mas de ideias. O efeito com objetos era ainda mais estarrecedor. Pela primeira vez minhas mãos acompanhavam minha mente. Agora, a tecnologia rompeu todas as amarras, permitiu uma explosão de significados e significantes. Por incrível que pareça o processo ficou muito mais lento. Cada trabalho exige um intenso planejamento e muita transpiração. Admiro a construção de muitos artistas, parece tudo limpo e fácil. Eu não consigo, meus duendes interiores forçam uma batalha intensa, com reconstruções e mais reconstruções. E, claro, justaposições. Como é isso, para você?

FM | Quando falas em duendes fica claro que não te afastas do Surrealismo sob circunstância alguma. Muito pelo contrário, adentras um mundo cada vez mais intensa e repleto de enigmas. Certamente estamos a anos-luz de distância de um surrealismo estagnado nas águas lodacentas do dogma. Este, de fato, há muito não me interessa. Talvez nunca tenha mesmo me interessado. Quando deixei de lado o duo tesoura-colca, descobri a assemblagem, desenvolvia maquetes com isopor, como se fossem galerias em cujas paredes eu colava miniaturas impressas de fotos minha onde utilizada o efeito de sobreposição. Montada a maquete eu então fotografa seu percurso interno e a obra passava a constituir esse novo material fotográfico. Em seguida fiz o mesmo com massa de modelar e cheguei a desenvolver uma série de tiras como se fossem um gibi. São modos fascinantes de desvendar os duendes que trazemos dentro. Com essas experiências o poema cresceu muito, pois imagem escrita e imagem visual passaram a se corresponder no âmbito desafiador de uma narrativa. Atualmente tenho realizado uma série de capas de livros, de volta à técnica de sobreposição. Não há uma graduação de valores ou transição progressiva. As técnicas se misturam. Recentemente descobri a técnica de programação de vozes e instrumentos, tendo a Inteligência Artificial como parceira, o que me permitiu escrever muitas letras de canção e gravar alguns álbuns. Tenho ainda imensa vontade de mesclar maquetes, projeção de imagens, animação e diálogo, criando uma espécie de miniatura de espaço cênico onde se descontine uma forma singular de representação teatral. Como vês, meu amigo, tudo isto é parte do Surrealismo, daquele Surrealismo que se desdobra em mil formas de relações entre o sonho e a vigília.

NP | Entendo perfeitamente. O dogma e a neura andam de braços dados. E são convertidos em um mecanismo perigoso de restrição dos limites da consciência. Acho que o poder instaurador dos sonhos é subestimado. O sonho instaura, por isso o parâmetro acadêmico não auxilia muito. Os mecanismos cibernetícios vão alargar cada vez mais as possibilidades. Era como se viajássemos, com todo respeito, de carroça e, num

passe de mágica, estamos em uma nave interestelar. As combinações e justaposições se dão em parcelas. Como você disse, a narrativa passou a ser conjugada, englobando linhas e entrelinhas de universos diferentes. Temo pela integridade da minha alma, ou de meu ser interior. Será que aguenta tanta velocidade e tensão? Por outro lado, parece que a Eternidade fica cada mais próxima, no sentido de estar contida nos limites do espaço, tornando obra. Queremos ser eternos?

FM | Muitos de nós mal conseguem ser sinceros – essa força do instante. A eternidade é uma discreta miragem. *A grande obra da carne* – como situo no título de um livro meu – é uma fonte inesgotável de ilusão. Inclusive a ilusão de eternidade. É bom que seja assim, pois afasta o demônio vulgar da previsibilidade. Não me interessa ser eterno, mas sim tocar cada habitante desse enxame de possibilidades que a vida nos permite, melhor ainda, com que a vida nos desafia. Quando te convidei para criarmos este livro juntos, esses fragmentos sinceros do acaso, a ideia era justamente esta, seguir atendendo aos desafios da existência. E ao que parece fomos felizes em tudo. Abençoado seja o acaso!

NP | Notável comentário!!! Maktub!! A linha do destino orienta, mas não determina. Por que choramos sempre ao assistir um filme que gostamos pela milésima vez? Porque o instante é diferente. E vale a pena, muito. Acho que a gente se divertiu muito nesta epopeia deste trabalho. E vamos nos divertir muito no futuro. Não posso deixar de registrar que te considero um caçador de moinhos, no melhor sentido de quem é capaz de enxergar a bela donzela onde não há senão uma boneca de pano. E, ainda assim, atacar os ameaçadores dragões, imaginários, mas que que soltam fogo. Ou não é verdade que a mula sem cabeça solta fogo pelas ventas?

FM & NP | (risos) Vamos ao livro:

|

FLORIANO MARTINS *imagens*

NELSON D!PAULA *poemas*

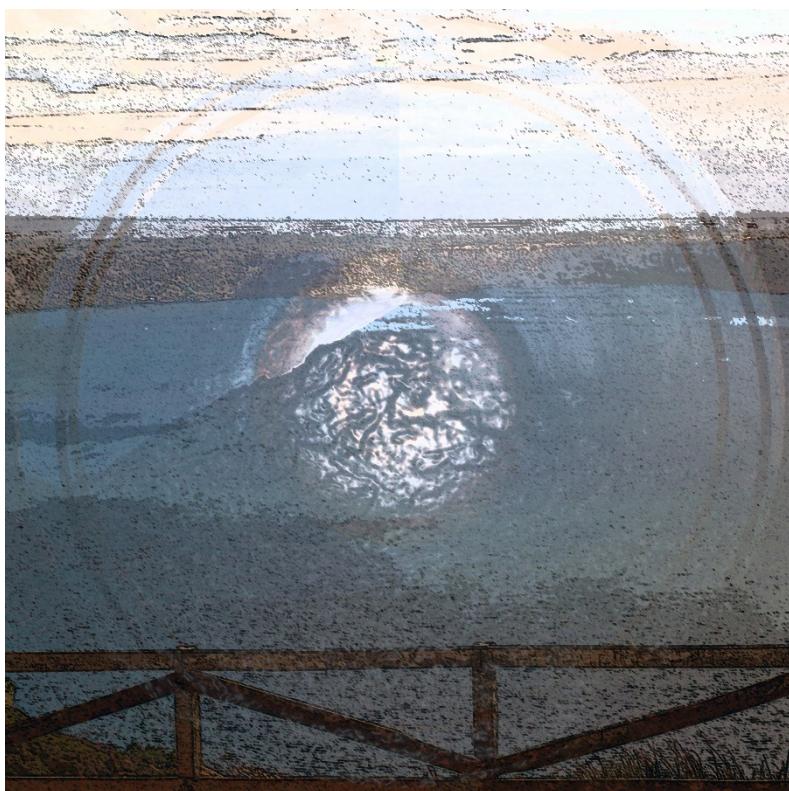
A PERSEGUIÇÃO ATREVIDA



Não cansa
o
cavaleiro andante,
lutando
para
recuperar
o pensamento
que,
em um deslize,
escapou.

Enquanto isso
o
cometa
arremete
contra
o
monte sagrado
e
derrama
mais
um milhão
de
ideias.

O VULCÃO SEPULTADO



Intoxicado
pelo
excesso
de
zelo
dos poetas,
o veterano vulcão
engole
seco
e
cospe

apenas
pálidas faíscas,
deixando
suas
entranhias
cozinharem
nas
tumba
recém-criada.

A ORAÇÃO CONSPIRADA



Medo
da força
trava
a língua,
porém
os planos
dos
conspiradores
reservavam
—
a
guilhotina

para
a
cabeça.

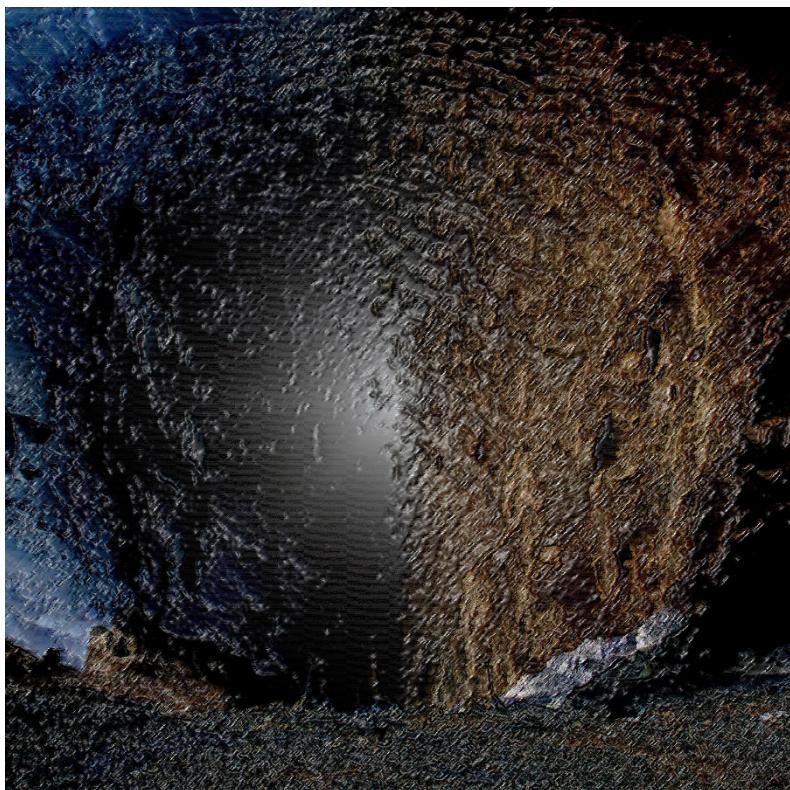
O PRINCÍPIO DA QUEDA



Poderia
ser
um
estrondo,
mas
o
ficou
só
no
estalido,
embora

os
pedaços
do
mundo
pularam
para
fora
desta
dimensão,
impulsionados
pelo
motor
velho
divino,
enferrujado,
no entanto
renascido
pelo
apelo
do
sopro
das
estrelas.

FLORESTA LUNAR



Das duas luas,
só
uma
tem
floresta,
onde
se
escondem
os
tatus
invisíveis,

cavadores
dos
poços,
onde
as
almas
depositaram
suas
mais
sentidas
lágrimas.

OS PRIMEIROS HABITANTES



Quis
o mago
povoar
os
sonhos,
então
bateu
os
dedos
na
quina

do
tabernáculo,
pondo
o exército
de
vermes
a
procriar.

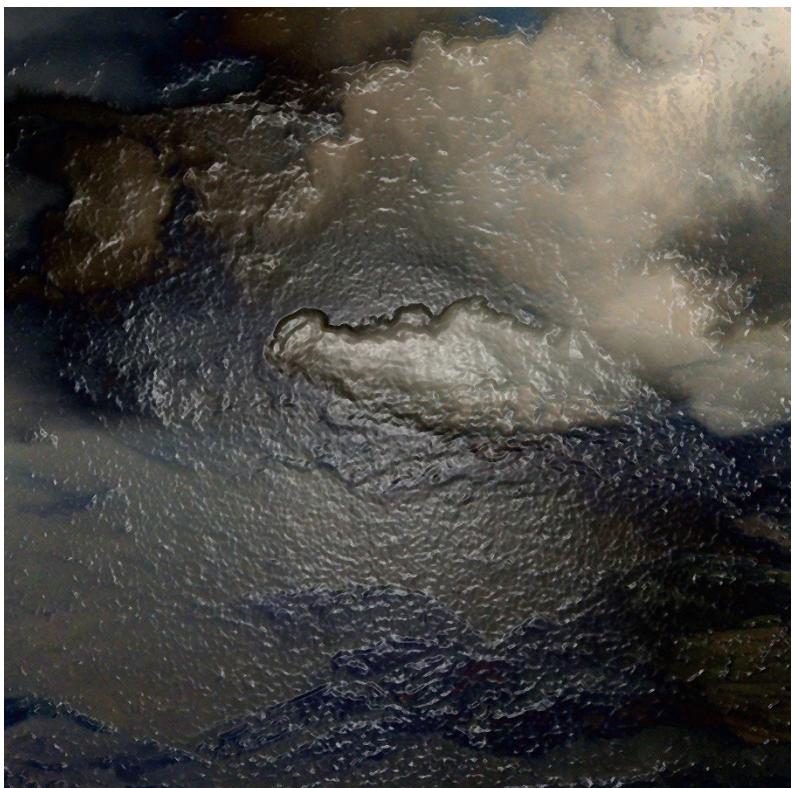
A VIAGEM INTERROMPIDA



Não
leva
ao
outro
lado
a
ponte
tão
esperada,
e
nem menos

sobem
os
degraus,
interrompendo
os sonhos
levianos
do
porta,
mas
cabe
a
ele
imaginar
outro
final
feliz.

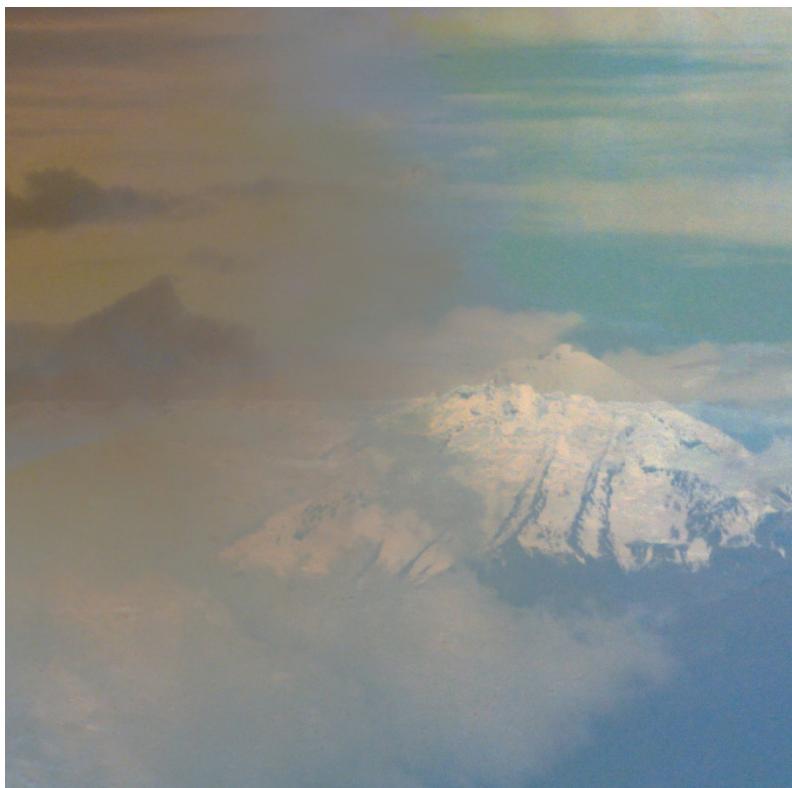
A MIRAGEM RETICENTE



Parceira
do
caos,
a
imaginação
incomoda
o
semideus,
com
cócegas
estranhas

na
barriga,
perto do umbigo,
criando
no
teto
do
domo
celestial
persistente
miragem,
que insiste
até
virar
reticente,
imprópria
para
consumo
dos
anjos.

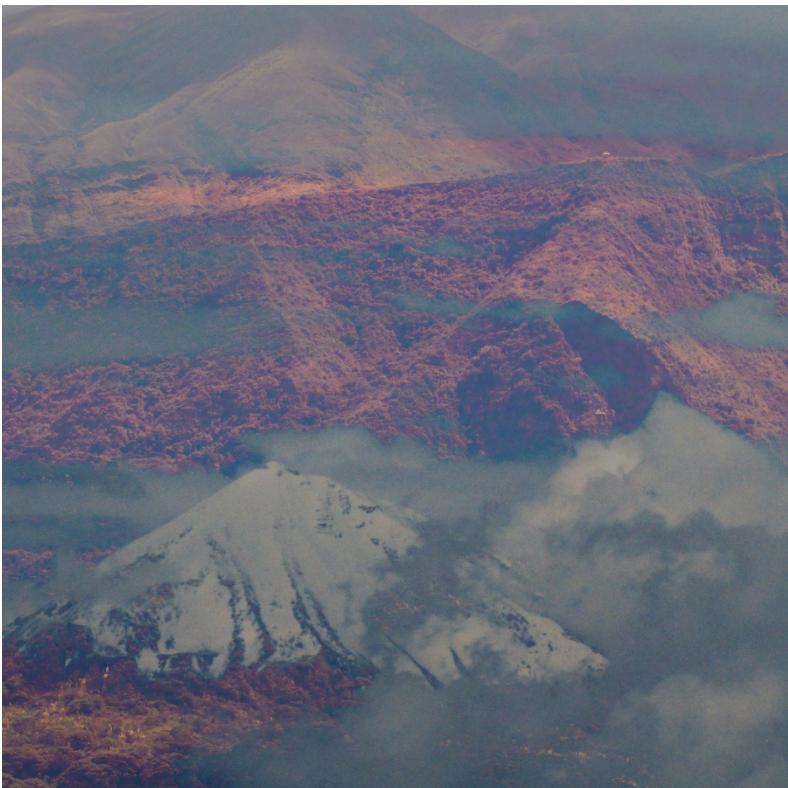
A ILHA RENASCIDA



Flutua
o
pensamento
escapista,
livre
da
gaiola,
onde
havia
se autoexilado,
só que

para
poder
emergir
agarra
no caule
da
planta mágica,
arrastando
para
a
superfície
a
perdida
ilha,
agora
renascida
para
honra
e
glória
dos
malucos
e
mamelungos.

REFÚGIO DO ÍCONE



Acho que
todos
sabem
que
o ícone
esconde
a
senha,
mas nem
suponho
onde

ele
se
aconchega
para
fugir
dos
olhares
incessantes.

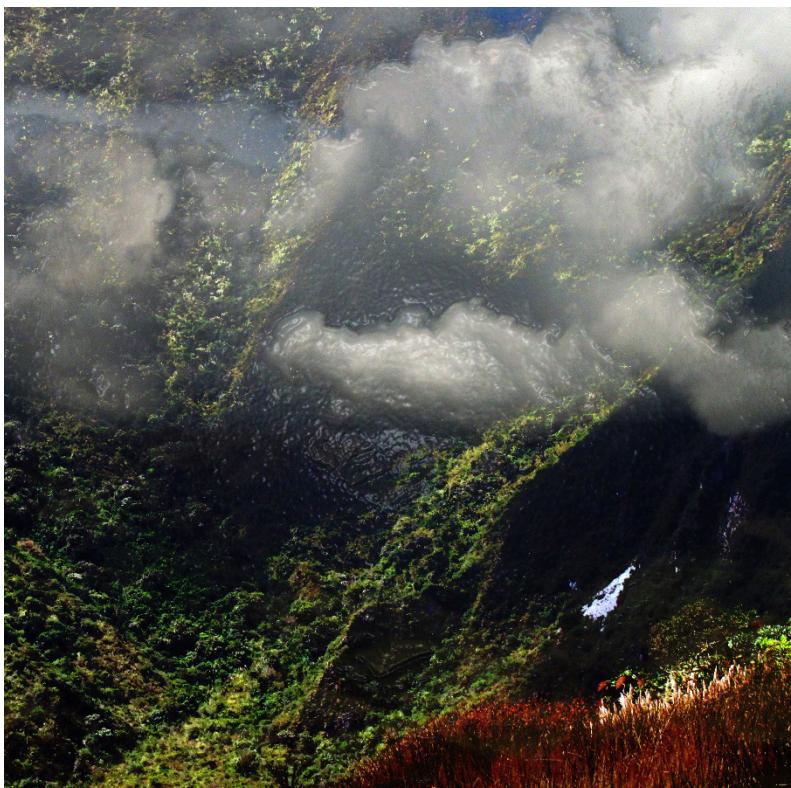
À ESPERA DO SOL



Duradouro
feitiço
da
noite,
atrasa
as
horas
e
os
minutos,
esticando

a
madrugada,
para
alívio
dos
vampiros
e
lobisomens,
mas
muito
perturbador
para
os
jovens
guerreiros
acampados
no
canto
do
morro,
à
espera
de
pelo menos
um
dos
primeiros
raios
de
sol.

A LÁGRIMA FLUTUANTE



Reclinado
no
pasto amarelado,
o
centauro
olha
para
os
mundos
em
inevitável

choque
gravitacional
e
deixa
rolar
pela
face
enrugada
uma
intensa lágrima.

Porém
as
fadas,
comovidas
não
a deixam
rolar
e,
graças
ao pó
de
pirilimpimpim
fazem-na
flutuar
brilhante
pelas
estrelas.

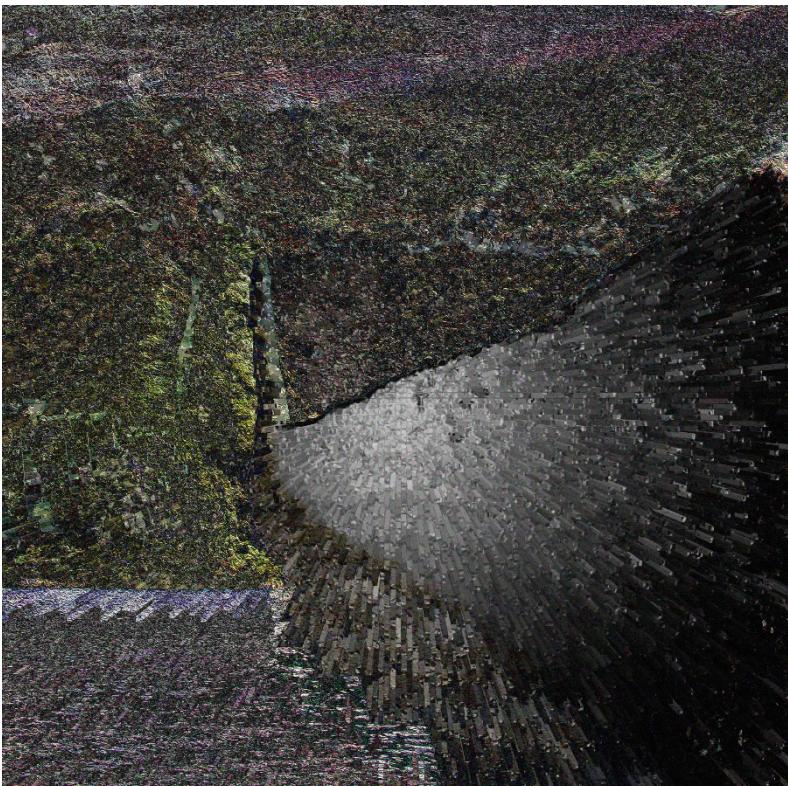
MINERAÇÃO DO CAOS



Ruidosa
máquina
colheitadeira
varre
as
estrelas
em
busca
dos
preciosos
grãos

de
Caos,
indispensáveis
para
aliviar
a
fome
insaciável
dos
velhos
mentores
tarados.

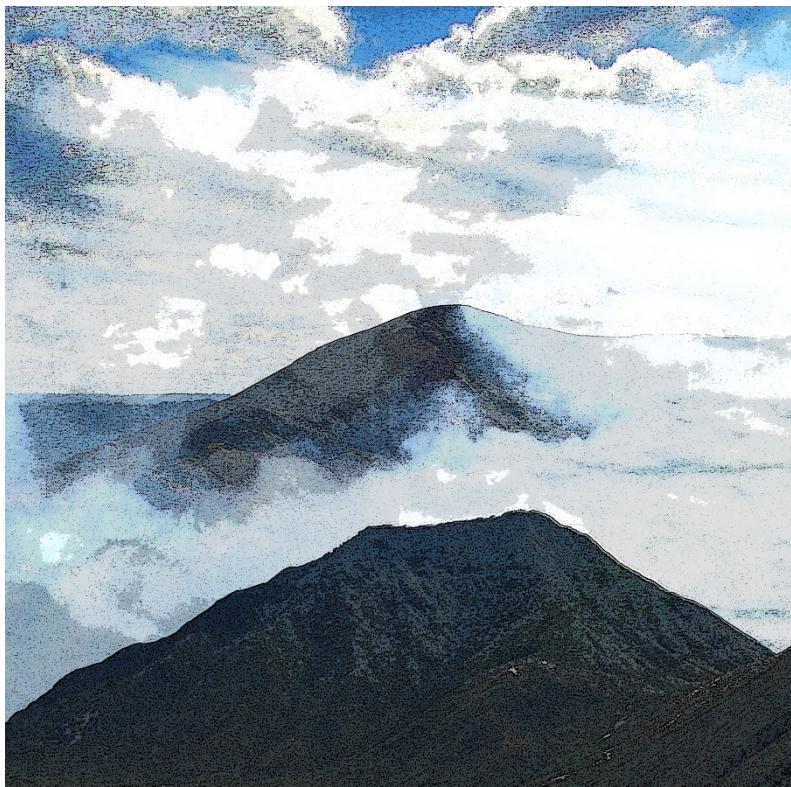
POUSO FORÇADO



Impulsionado
pelo
desejo
e
pelas
más
línguas
o
herdeiro
do
condor,

quis
voar
para
além
das
galáxias,
mas
as
membranas
de
suas
asas
enrijeceram
em
função
do
frio
do
espaço
e
ele
foi
forçado
a
pousar
em
uma
outra
aresta
das
dimensões
não
paralelas.

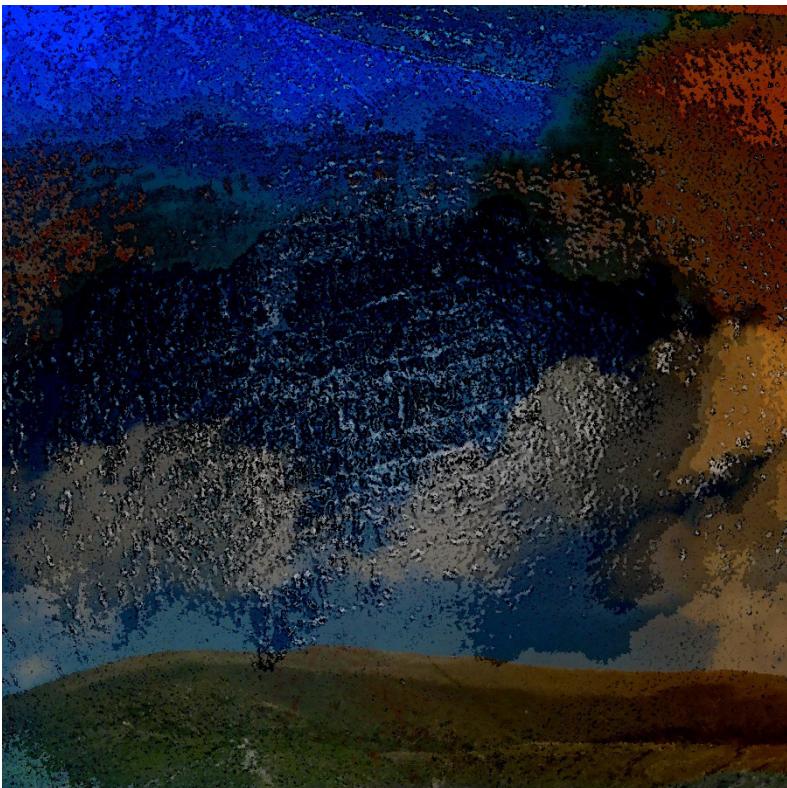
OS DEUSES ACROBATAS



Não
dá
nem
para
tentar
entender
as
piruetas
da
vida,
melhor

não
se
assustar
e
apenas
apreciar
as
estripulias
dos
deuses
acróbatas,
com
seus
malabares
reluzentes,
quase
flamejante
à
sombra
dos
arco-íris.

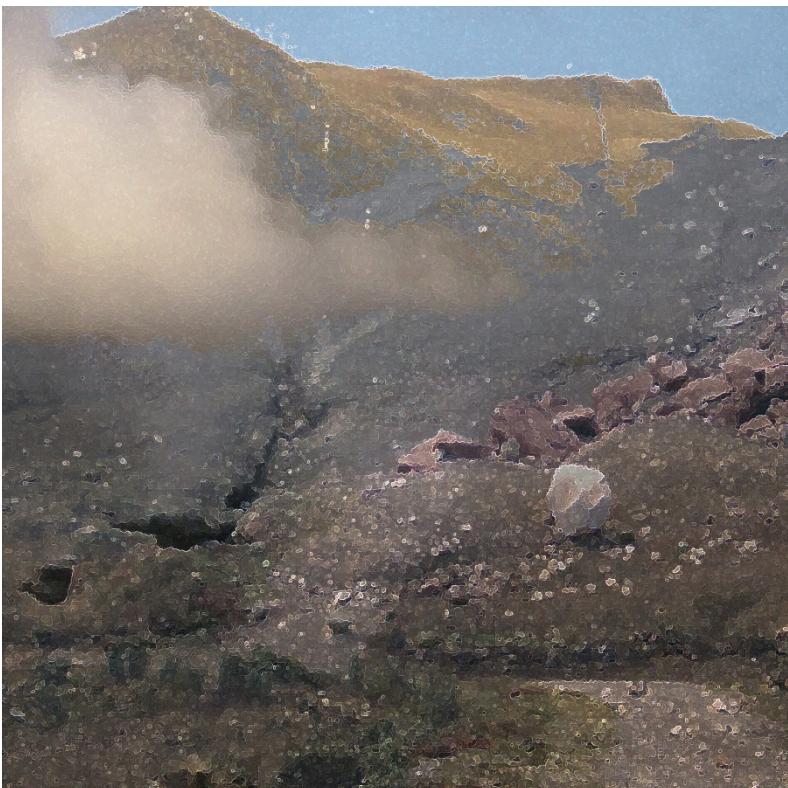
CONSELHOS DO ERRO



Mais
uma vez
o
venerável
mestre
chama
a
atenção
dos
empertigados
aprendizes:

o
erro,
seja
qual
for,
só
ensina
como
é
bom
errar
de
novo.

MIGALHAS DA FÉ

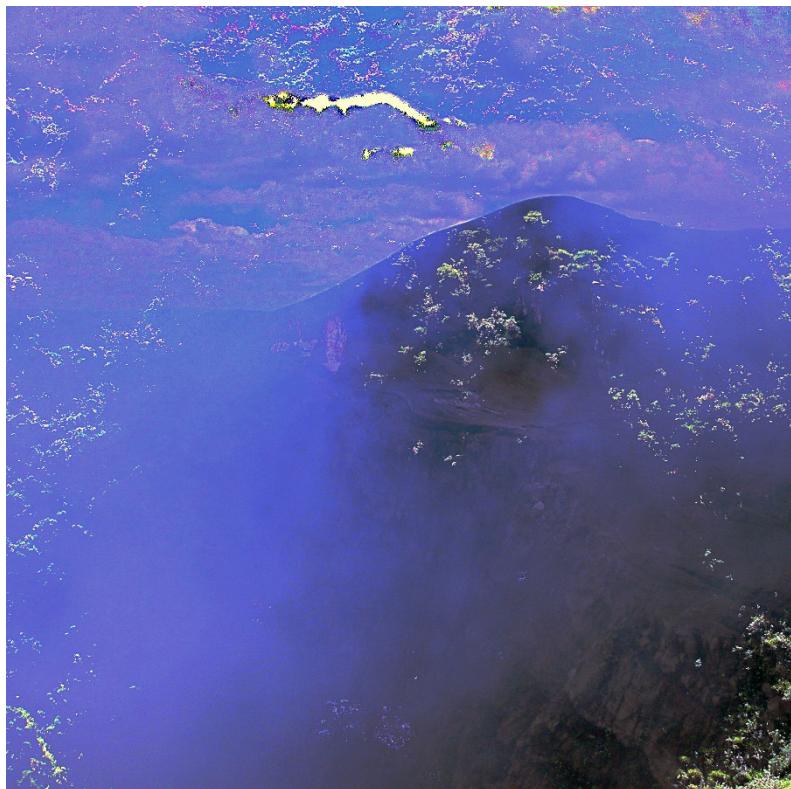


Por vezes
a
escalada
pode
se
transformar
em
um
perigoso
labirinto.

Então,
convém
marcar
a
trilha
com
as
migalhas
da
fé,
guardadas
no
alforje
para
isso.

Ainda
bem
que
não
são
muito
a
gosto
dos
abutres.

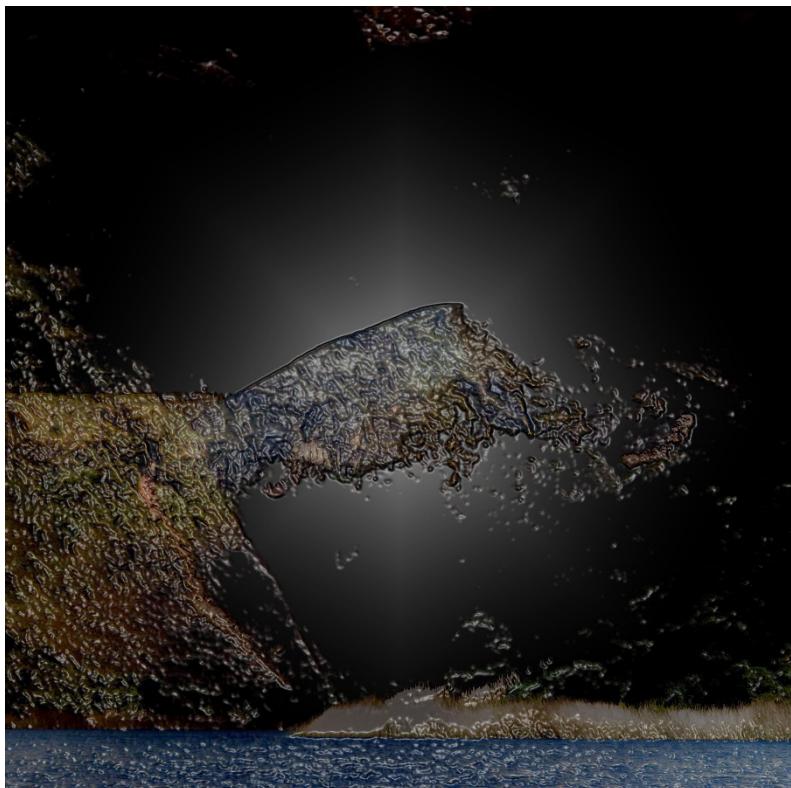
A VISITA INESPERADA



Romrido
o
lacre
do
tempo,
escorre
fluido
da
cera
imemorial
pelas

nuvens,
apartando
a
recém formada
névoa,
para
trazer
à
baila
o
palhaço
do
momento,
com
seu
sádico
sorriso
imortal.

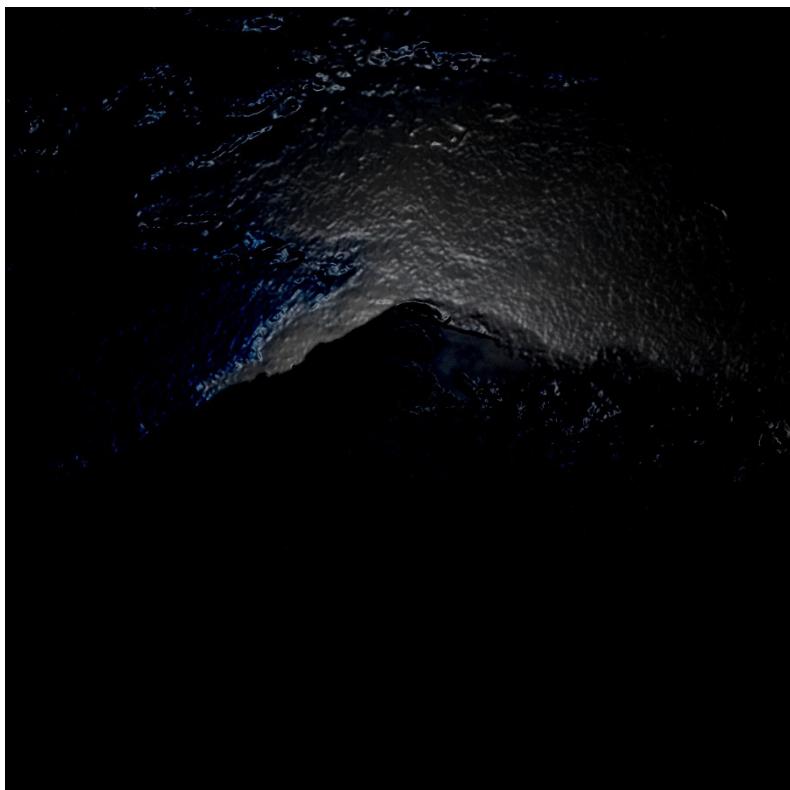
A LONGA ESPERA



Sem
a
menor
consideração
com
aa
tribos
reunidas
por causa
da
conjunção

dos
planetas,
a
engrenagem
emperra
e
prolonga
angustiosamente
a
já
tão
longa
espera.

A NOITE RECOSTADA NA PEDRA



Engana-se
quem
pensa
que
a
noite
não
tem
sono.

Como

boa
soberana
cansa,
já
que
reinar
não
é
fácil.

Assim,
necessita
recostar
levemente
nas
pedras,
aconchegada,
mas,
também,
aberta
aos
olhares.

A ÚLTIMA QUEIXA DE DEUS

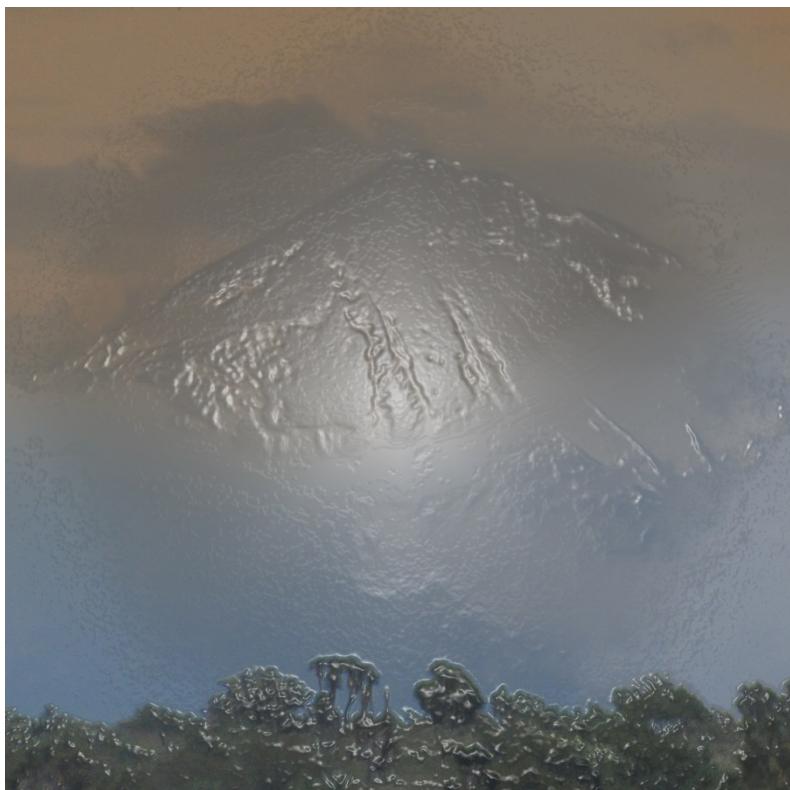


Tolo
compromisso
com
a
fala,
desperdício
do
poder
divino,
não
condiz

com
as
tábuas
da
lei,
acentuando
a
diáspora
entre
planetas
e
cometas,
embora
todos
dependam
dos
subterrâneos
para
extrair
antídotos
contra
a
gravidade.

O
peso
por
certo
foi
um
engano,
agora
não
adianta
Deus
se
queixar,
melhor
por
as
barbas
de
molho
e
coçar
os
genitais.

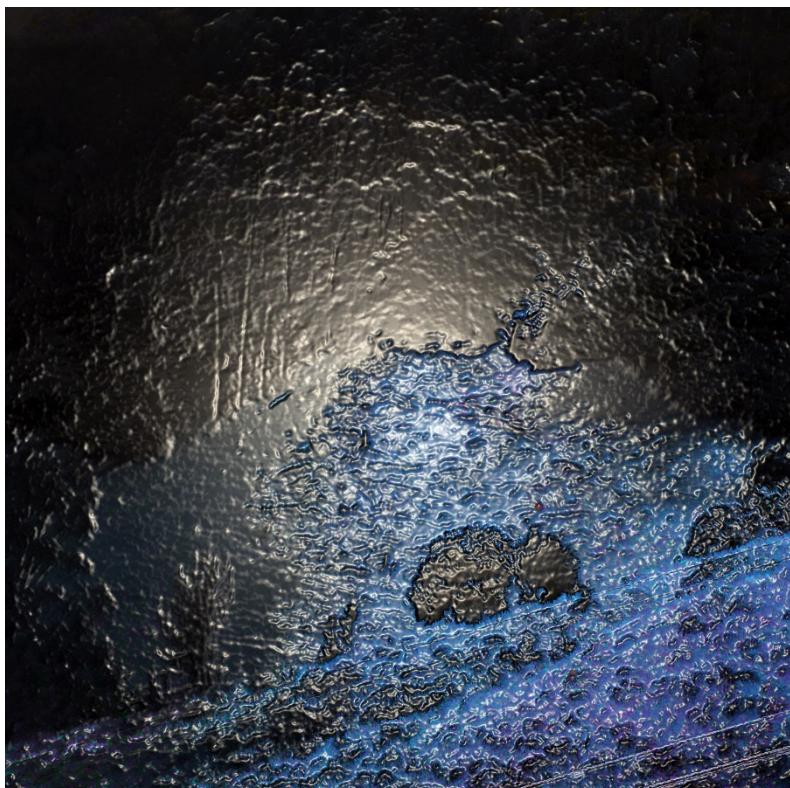
DELTA EXTRAVIADO



Que
mistério
tem
o
delta,
magneto
capaz
de
atrair,
e
repelir.

Força
primordial,
onde
desembocam
rios
e
empurram
para
longe
os
oceanoS,
com
tal
intensidade
que
ele
próprio
desaparece,
extraviado
no
vai e vem
das
intenções.

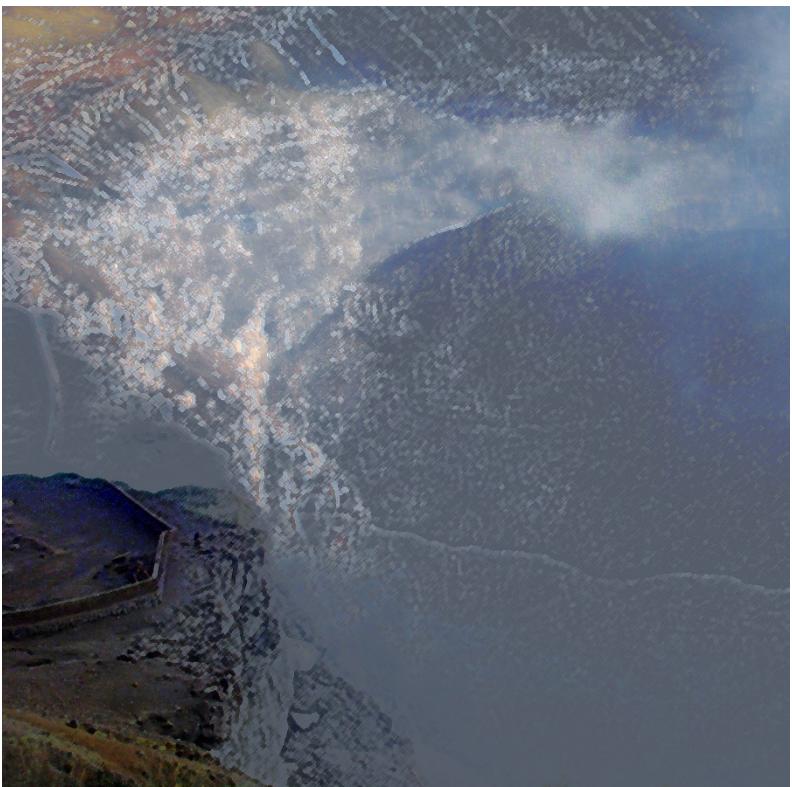
O ABRIGO DA NÉVOA



Pode
o
mago
estender
sua
rede
para
colher
todos
os flocos
da

névoa,
guardando
no
mais
seguro
abrigo,
antes
que
os
gulosos
faunos
apareçam
para
devorá-los.

O VESTUÁRIO DO INFERNO



Ainda
ontem
o inferno
acordou
inquieto.

Folheou
uma
revista
de
moda

e
foi
as
compras,
para
mudar
o
seu
vestuário.

OS CÉUS RECONCILIADOS



Deu
muito
certo
a
conversa
entre
as
torres,
trocando
farpas
e

fios
e
eventuais
hóspedes,
o
que
imantou
as
estrelas,
até
flexionar
as
abóbadas
celestes,
forçando
um
abraço
irreduzível.

Fragmentos do acaso

II

NELSON D!PAULA *imagens*
FLORIANO MARTINS *poemas*

A ALMA CONTRAÍDA PELO DESEJO



Era um dia muito tarde, desses em que
perdemos a caligrafia do desejo. Tão amarga
quanto ingênua a inocência foi exilada.
Na esquina havia um comércio de almas.
A tinta ainda por secar nas pinturas do acaso.
Mais uma vez nossos nervos estão à flor
de todos os riscos ajoelhados. Dá-me uma
frase imprevisível, antes que eu me valha
do alto abismo e que me cale em tua boca.

A AVE DESGARRADA



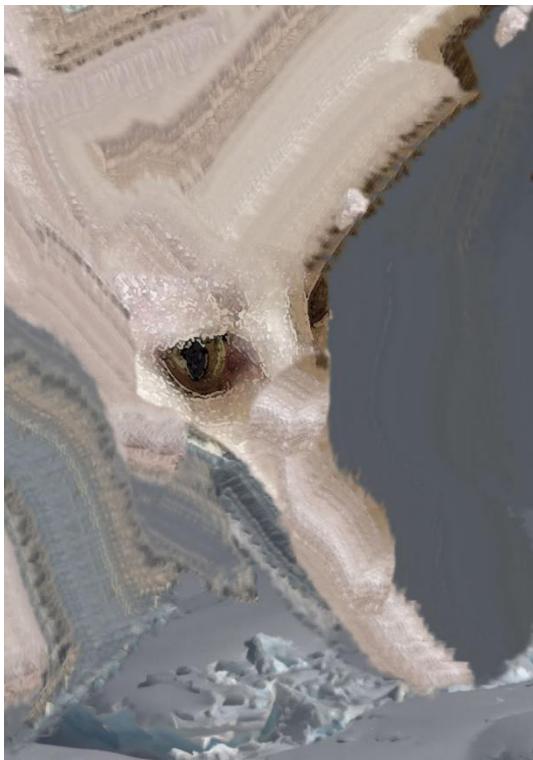
O vento entoa um canto fúnebre ao cair das asas.
A zoologia se debatendo em aquários e jaulas.
O ponto no céu que logo se revela um cisco no olho.
O óvulo que consulta a lua antes de jogar-se no chão.
A curva perfeita que separa o fim e o princípio.
A parte intrigante da memória que trata de esquecer.
O balbucio do oráculo que regredie até ser deus.
A arca que se recusa a contar novas histórias.

A COLHEITA DECAÍDA DOS FIÉIS



O rio está farto de sangue e moscas imundas.
Eu beijo as pedras quentes da eternidade.
A um passo da primeira represa as cruzes se desfiguram
como uma fatalidade a serviço da devoção.
As almas recolhidas não conseguem escapar de si mesmas.
O rio já não se importa com raça ou credo.
Toda a beleza da cena se desfaz com um clarão.
As águas negras disfarçam as covas.
Nenhum de nós evita o passado.

A MORTE CONGELA



Os ossos se abrem curiosos com o próprio íntimo.
O vestuário de mármore de seus truques gestuais.
O cálcio relutante do palco sendo preparado para o lápis
com se escreverá os movimentos com seus arcos brancos.
Não há previsão para o final do inverno este ano.
Ao que tudo indica, acompanhará a cena final
um coro silencioso de bonecos de neve.

A ORIGEM DESLOCADA



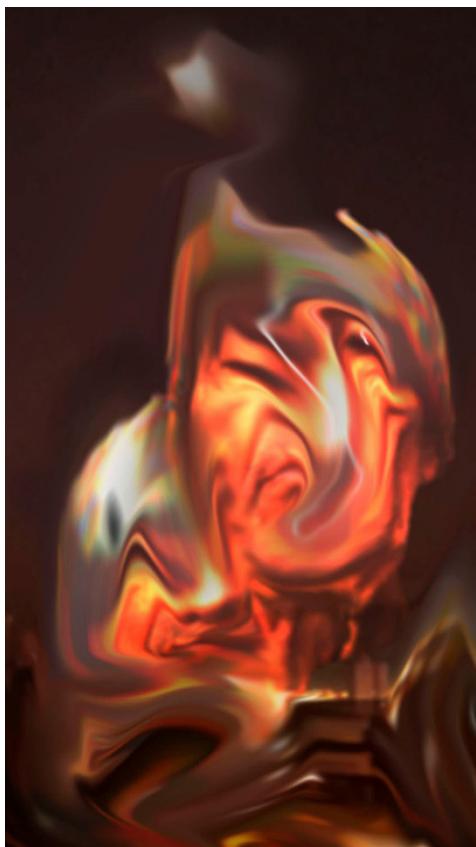
O imprevisto cria a si mesmo sem nos avisar.
As entidades que nos assaltam são incontáveis,
umas com cheiro de queimado, outras boiando
na água suja dos princípios. Relatos enfeitiçados
de corpos que mudam de lugar, dentro e fora
de suas raízes condenadas a viver em crateras.
Engrenagem de vísceras, vozes que ressurgem
quando menos esperamos e vindas de omoplatas,
orelhas, canelas – um espólio voraz de adágios,
abundância de humores distantes da origem.

ALIEN DE ESTIMAÇÃO



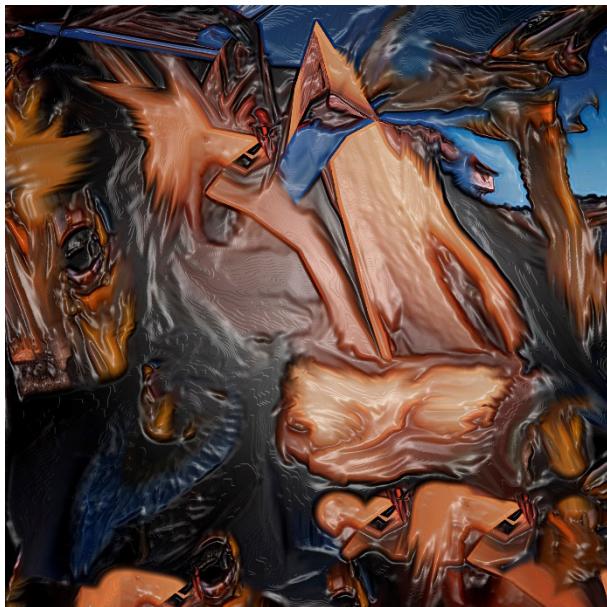
Ele veio morar comigo assim que o dilúvio abrandou. No porão do velho casarão da família eu cavei uma pequena gruta e a revesti com saibro. Em seu interior ela serpenteava para que ele sentisse um aconchego revigorante. Seu corpo parecia produzir um visgo metálico. Durante anos viveu recluso, talvez por sentir-se longe de casa. Quando saía à noite esvaziava as lixeiras e arranhava pedras e árvores à procura de musgos. Ensinou-me a linguagem misteriosa da telepatia, que acabei esquecendo, desde quando se foi, sem ter mais com quem praticar. Há noites em que resolvo dormir em sua gruta e chego a sonhar com seu retorno. Quando acordo tenho as unhas sujas de musgos e sinto uma sede incomum.

DESPERDÍCIO DE LUAR



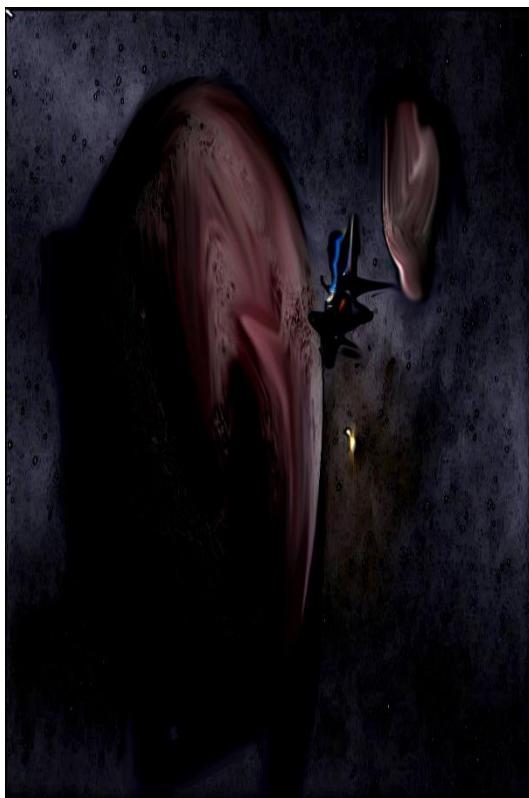
Nunca soubemos apreciar a primeira palha – o sereno, o sangue seco, a roupa rasgada –, a que nos aponta uma inesperada direção. De algum modo a repetição nos conforta, o que cheira a eternidade inconsequente, fagulha sorrateira que nos visita a cada noite.

DIÁLOGO (CRIATURAS IMPERTINENTES)



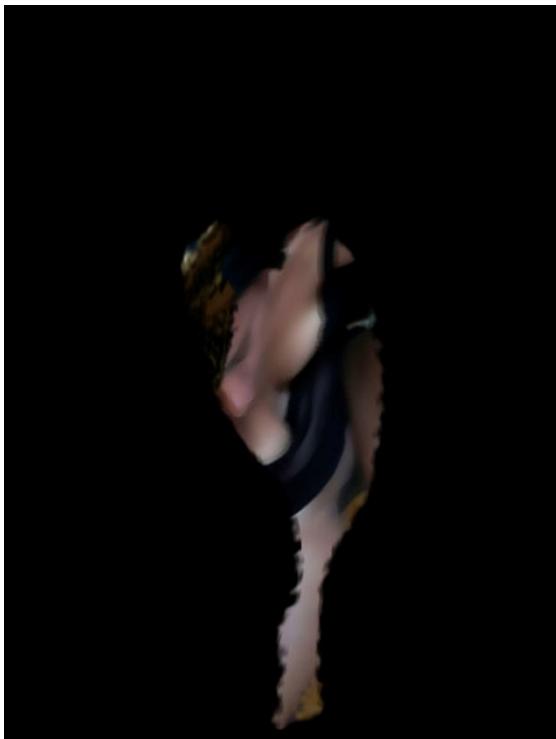
Havia um devaneio a ser cumprido.
As cordas que deixaram escapar
a última estrofe de um crime.
Fizemos o caminho inverso,
a malícia fitando todo o percurso.
Um pálido círculo nos espreitando.
Há quem presuma que somos o céu
dessas fugas de sangue e espuma.
Porém o silêncio perfura o tempo.
Não sabemos com quem sonhar.
Um refrão roubado muda o relato.
Ninguém ouve, ninguém reclama.
É mais um crime que acaba de fugir.

DIÁLOGO (O OVO DO OVNI)



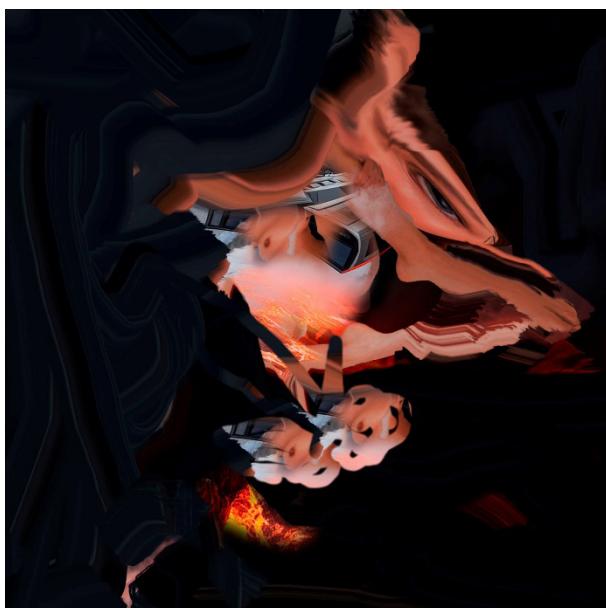
As sombras dançam por toda a casa.
Descobrem no escuro novos pares, tão sutis quanto elas.
Os passos do diálogo são como a dimensão do abismo
que criamos como naves em um ninho secreto.
A sagradação do relativo no absoluto.

DORES DA INCORPORAÇÃO



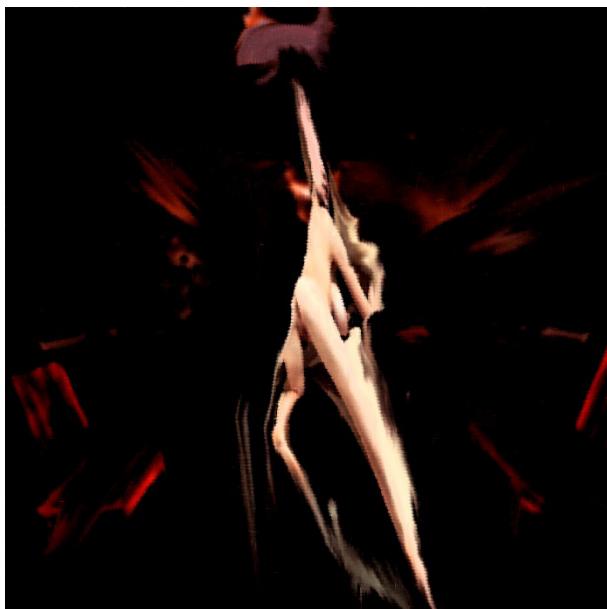
Quando espreito a tua ausência, percebo
como ela se desnuda sutilmente como
se me adivinhasse excitado com sua imagem.
Por vezes sonhei em ser o espião desse corpo invisível,
infiltrado em seu desaparecimento crescente,
atuando como uma palavra querendo ser modificada.
Incorporar tamanha avidez me levou a uma dor sem fim.
Sempre que te vislumbro como um ausente mistério,
me desfaço de mim, dilacero a própria alma sofrida.

ENTIDADE COM FOME



Os nódulos são uma concentração de almas no mesmo corpo.
Como as vigas que erguem uma arquitetura fabulosa.
Ou o encontro de átomos emancipados no voo de estátuas.
O momento em que cresces dentro de mim é da mais grata
insignificância.
Porque o verdadeiro apetite, a sua sofreguidão elementar, é
da mais impura abstração.
As roupas jogadas ao largo, a extensão recortada do desejo,
os vícios retraídos e suas consequências.
Uma grande mancha faminta em meu ser se alimenta de tuas
ilusões.
Eu tenho fome do que jamais poderás me dar.

EPICENTRO DO DESVIO PSICÓTICO



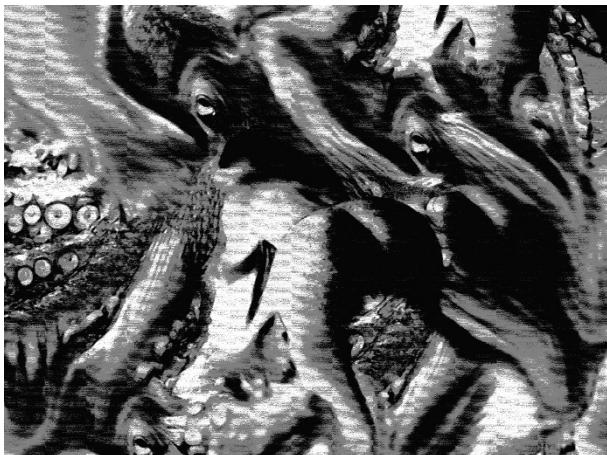
Eu caio antes do fim.
A pedra desmarcara a cidade.
O sarcasmo tange seus vultos
pelos terraços abandonados.
A noite em claro.
A fumaça entope a chaminé.
Eu me ergo como o mar
querendo inundar a lua.
As lamparinas da névoa são reais.
Os feitiços do desejo são iguais
ao viço agônico das aparências.
Os ratos roubam as últimas vigas.
Eu os vejo mudando de hábito,
à procura do queijo sagrado.
Eu caio antes do início
de outro sumiço em meu íntimo.

ESCADA PERIGOSA (PARA O PRAZER SUBLIME)



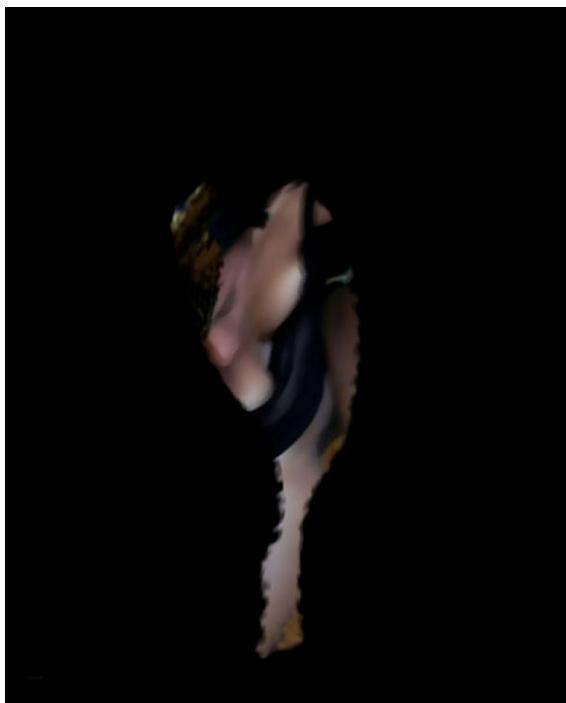
Os ramos da noite são trapos
que nos vestem ao contrário,
fumaça perversa que se esfrega
em nossa pele enquanto desdenhamos
a origem do mundo. Dentes podres
guardados em um lenço de seda
como se a escada preparasse os passos
de quem muito se lastima
antes da queda. Talvez haja
um degrau reservado à música sublime,
a que nos faz transbordar de prazer
mesmo sem que nenhum lábio
prove a forragem velhaca do sexo.

GADGET PARA DIVINO PRAZER



Abrimos as valises efêmeras de nossos corpos
à procura de óleos e engrenagens que permitam
encurtar o caminho até as luzes mais altas
onde os deuses copulam impacientes.
A miséria rasteja por túneis de onde espreitam
a volúpia incandescente desses leitos imaginários.
Uma algazarra, a superstição iluminada, o caos –
esses lampejos resumidos que evocam a oficina
deteriorada onde bruxos misturam em suas panelas
de barro as aplicações infalíveis para o gozo eterno.

INVOCAÇÃO DO CORPO



Contamos os ídolos sem separar seus motivos.
Haverá mesmo uma distância entre seus elementos?
A prata, o osso, a madeira, a cortiça ressecada.
Muitos deles desconhecem por quem foram talhados.
As velhas prateleiras podem ser uma catedral,
o relógio que não toca nunca da infância do poeta,
a passagem secreta com seu acúmulo de escadas.
A eternidade é um rumor sarcástico de plumas.
Somos todos bizarros quando perdemos o amor.
Imploramos um novo corpo, nas noites traiçoeiras,
enquanto à meia luz seguimos tecendo o destino.

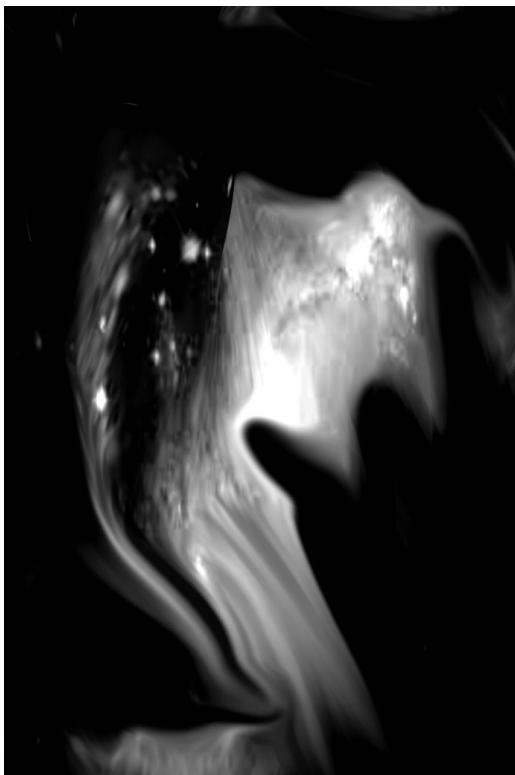
NO FUNDO DO FUNDO



Eu sonho com teus corpos delirantes,
sempre na mesma hora da noite.
Onde estamos ninguém pode nos encontrar.
Nossos faróis são duas luzes de morte.
Ninguém pode – Deus ou Diabo – nos roubar o vinho
nem as melodias acesas de teus lábios.
Os mares viajam no centro de um orgasmo,

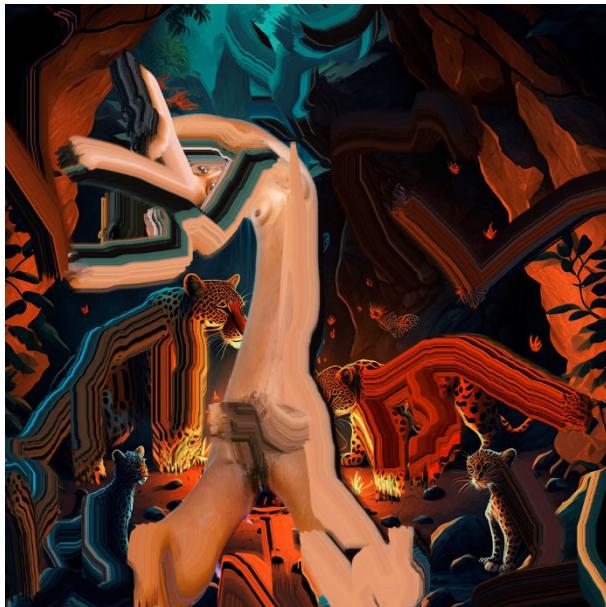
as suas ondas se afogam em cada olhar.
Eu desço até o porão do oceano,
onde os peixes nadam ao revés.
Eu sou o teu anjo de joelhos.
Tu és a minha ninfa de oito patas.
Na folhagem do mar eu te quero.
No abismo da noite tu me queres.
Dorme com meus fantasmas
que eu durmo com teus clarões.

O MÉDUM E A ASSOMBRAÇÃO DESCONTROLADA



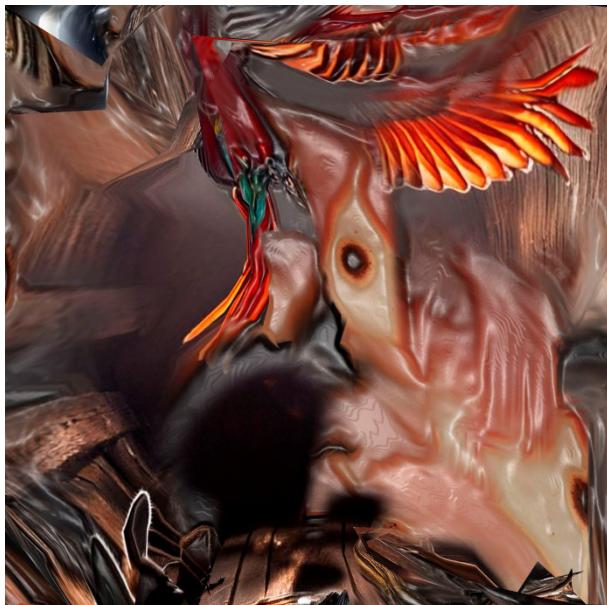
Um de nós viu desabar o céu sobre o corpo
recostado no saibro de uma deusa iniciante.
Um pouco antes ela acariciava as horas,
reconfortando as suas dores de fome e sede.
Como um personagem esquecido da trama,
a mulher induzia a besta a conter seus ais.
Quando se dá o inevitável desastre, ninguém
ousa falar nos desígnios do médum, ou na
comédia selvagem daquelas perdas. Quem
guarda consigo alguma chave do passado
enche os olhos de espanto ao ver que ainda
sobrevive a mesma aparição descontrolada.

O POSTE E O HIEROFANTE BÊBADO



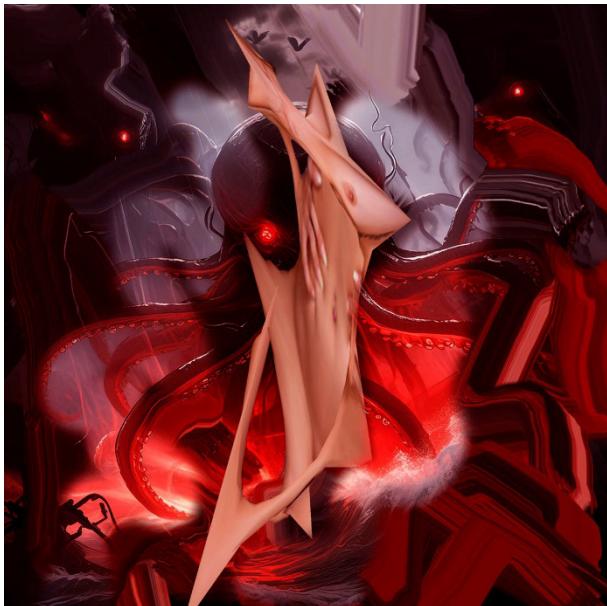
A história se escreve em covis,
como o riso subtrai as lágrimas
de velhas penteadeiras onde
um adivinho bêbado decifra
os sonhos de cupins e bússolas.
Somos aliados dessa fervura
onde as formas mudam de cor.
As mãos que descem pela lousa
da noite com suas feras rajadas,
farejam a sombra espinhenta
de postes que fungam e gemem,
as tripas expostas a granel,
sob o olhar alterado do oculto.

O SONHO TEM ASAS DE CERA



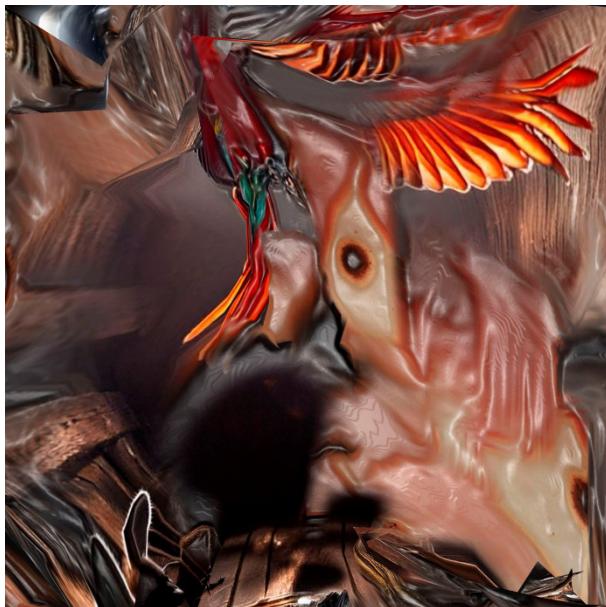
O sol tem um clarão metálico que dilacera
o aroma das sombras. As raras formas
que perduram durante o incêndio de seu
suspiro infernal, elas redobram as asas,
evocam um espírito radiante que vinga
as carnes defumadas. No entanto, divididas
entre símbolos de um jardim lunar,
essas mesmas formas se engasgam
com a areia do tempo, o vidro, a cera,
até que o sonho faleça em suas mãos.

OS TENTÁCULOS DO OLHAR



Entre olhares curiosos o museu preserva
a devastação corriqueira de suas pinturas.
As vidas se repetem como um réquiem alucinado.
O mito se esconde entre a balbúrdia da praça.
Ruídos estridentes mudam de assunto
como se a cada instante tirassem a sorte
de uma revelação inconclusa. As frases aturdidas
pela razão reconhecem que é a primeira vez
que estão de partida. As pontes mudam de cidade.
Os mortos se asseguram de não mais voltar.
Tudo vemos, enquanto as imagens se calam.

PÁSSAROS DO DESEJO



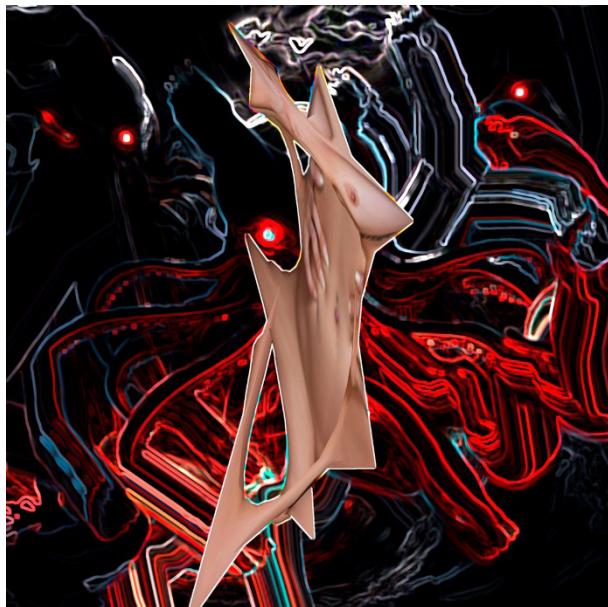
Eu quero fazer parte de teus planos de dissimulação.
Voar até a borda enigmática do sol sem perder as asas.
Desconhecendo as zonas mortuárias de teu rosto,
eu quero te converter em um jardim eletrificado, eu
quero invadir o ossuário secreto da eternidade e a seus
habitantes todos revelar os cantos de fábulas aladas.
Quando vejo a tua máscara me abrindo a sua boca
Ardilosa, eu rio e lhe digo: sou o pássaro quero-quero.

RENASCIMENTO DA LIBÉLULA



Os gatos no espelho arranham a areia
à procura de um anfiteatro de horrores.
Vislumbram um aquário seco onde
o espinhaço de peixes refuta a gravidade.
Tentam mover a morte de lugar. Quem
sabe convertê-la em um monstro alado,
uma fera totêmica que possam abocanhar
enquanto cumpre o rito do renascimento.

SERVENTIA DO ESQUADRO



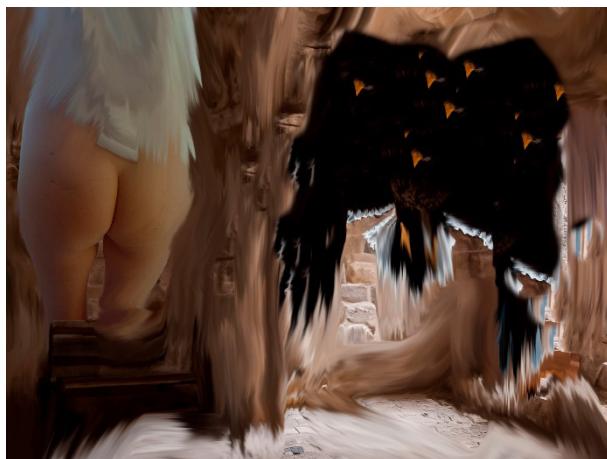
O teu corpo jogado contra a parede
desfaz a ilusão de algo inabalável.
Vemos dissipar a própria beleza ao criar um argumento
para cada nódoa impressa antes de ir ao chão.
Há certa equidade em seu íntimo.
Talvez seja impossível compreender seus motivos.
Porém as formas que vai assumindo, sinuosas ou aprumadas,
revelam a sombra intempestiva que lhe acompanhará sempre.

TEMPO DA COBRA FUMAR



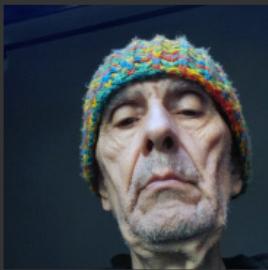
As lendas recolhem suas pétalas.
Drágeas de sonhos que foram distribuídas entre insetos raros.
Um ponto em comum no relato dos abismos:
do alto já se vê o olho da cobra e a névoa de seus caprichos.
Quando atingimos o centro da terra, não nos resta mais
do que pigarro, devaneio, pesadelo, câncer.

VAMPIROS À ESPREITA



As noites se fartam de acidentes e delírios piedosos.
Os corpos nus dessas deusas da vertigem, os amores
prisioneiros de suas esferas grotescas. O banho-maria
em que conservam a loucura de tantos sofismas
predestinados a viverem trancafiados em uma casa
mal-assombrada. As tuas asas em uma bandeja
entre flores estraçalhadas, frutas podres e um caldo
negro e oleoso de origem incerta, veneno silencioso.
Assim vamos nos consumindo, à espreita de Deus.

SOBRE OS AUTORES



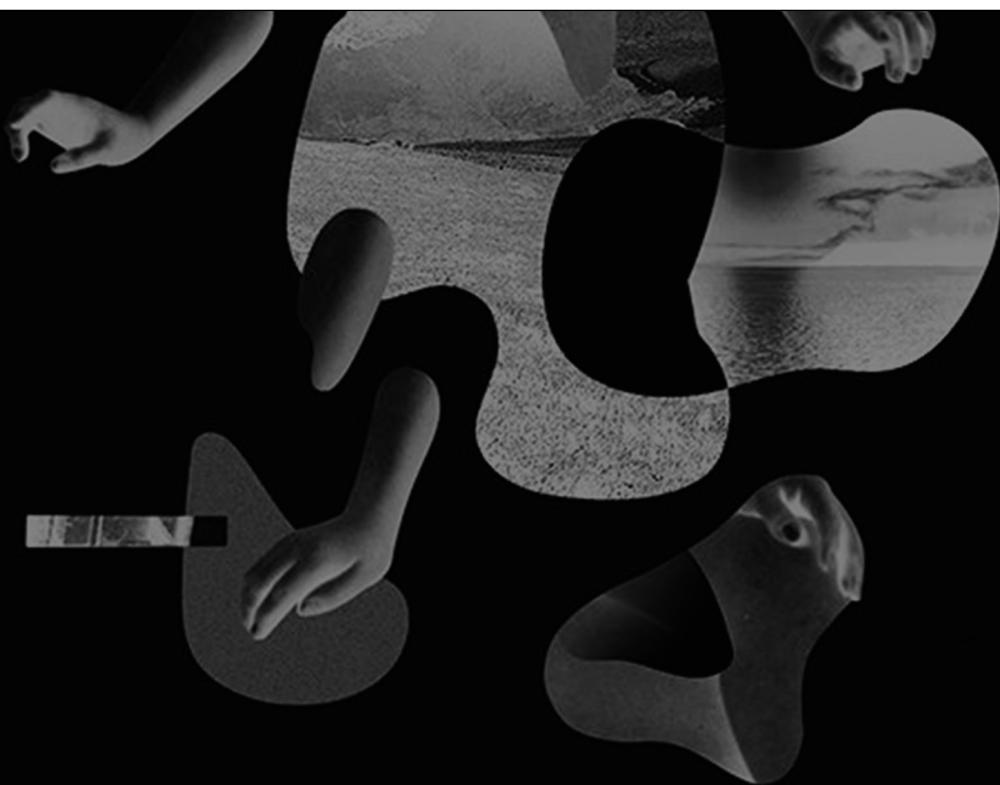
NELSON D'PAULA (Brasil, 1950). Poeta, ensaísta, artista plástico. Em sua obra busca ser um traficante de sonhos, cruzando as fronteiras das dimensões, com o ilegal debaixo do braço. Publicou cerca de 40 livros de poesia e artes visuais, entre eles: *O Plasma*, *Vozes do Aquém*, *Projeto para uma Revolução Fundamentalista*, *A Hóstia de Isis*, *Sete pulos na encruzilhada*. Como artista visual, participou de bienais e exposições individuais e coletivas no Brasil e em outros países. Integrou o Grupo Surrealista de São Paulo. Participou da exposição surrealista *As Chaves do Desejo*, Costa Rica, Cartago, 2016. Atualmente dedica-se principalmente ao meio digital.



FLORIANO MARTINS (Brasil, 1957). Poeta, tradutor, dramaturgo, romancista, editor, ensaísta e artista plástico. Criador da Agulha Revista de Cultura, revista que dirige desde 1999. Publicou vários livros, entre eles: *Un poco más de surrealismo no hará ningún daño a la realidad* (ensaio, México, 2015), *O iluminismo é uma baleia* (teatro, Brasil, em parceria com Zuca Sardan, 2016), *Antes que a árvore se feche* (poesia completa, Brasil, 2020), *Naufragios do tempo* (novela, com Berta Lucía Estrada, 2020), *Las mujeres desaparecidas* (poesia, Chile, 2022) e *Sombras no jardim* (prosa poética, Brasil, 2023).



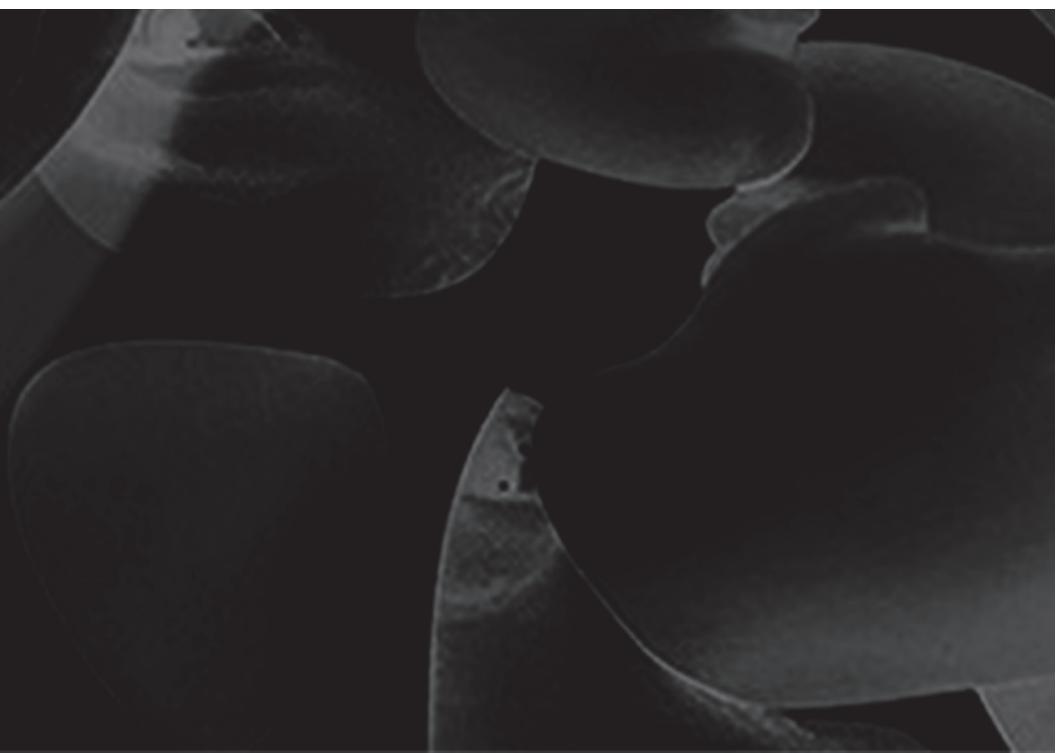
Fragmentos do acaso, de Nelson D!Paula & Floriano Martins, se terminó de ensamblar en diciembre de 2025. En su composición se utilizaron los tipos: Calibri, Minion Pro, Garamond Premier Pro: 10, 12, 14, 18, 24, 30.







2025



Colección Libros Imposibles

2025